



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17394 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
ISSN: 2595-7945  
GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

Ser professor homem na educação infantil já não é fácil... Imagina ser homem negro?  
Felipe de Carvalho Ferreira - CAP-UFRJ  
Leandro Teofilo de Brito - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### **SER PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL JÁ NÃO É FÁCIL... IMAGINA SER HOMEM NEGRO?**

O presente trabalho visa apresentar um recorte de pesquisa cujo objetivo destina-se na investigação das narrativas de homens negros e docentes da educação infantil, atuantes no trabalho com crianças bem-pequenas em creches e pré-escolas públicas do Rio de Janeiro. Para isso, este estudo mergulha nos campos do pós-estruturalismo e pós-colonialidade com a intenção de analisar as construções discursivas de gênero atreladas às perspectivas de raça. Pensando o gênero e raça como atos performativos, isto é, identidades não fixas, múltiplas e complexas em suas constituições, buscou-se por indícios que representassem os entraves que tais categorias desdobram para esses profissionais em suas práxis.

O pensamento pós-estruturalista em Butler (2021) contribui no diálogo sobre como são produzidas as performances dos sujeitos sociais, imersos desde o domínio pré-discursivo, perpassando por sua permanente e inacabável constituição de sentidos. A noção de performatividade é mobilizada em torno da categoria de homem negro e, nesse sentido, a linguagem precede a própria constituição do sujeito direcionando a um “não lugar” na sociedade, operando assim dispositivos discursivos de ódio e abjeção àqueles(las) considerados(as) alvos dessas operações de poder.

A articulação das perspectivas pós-estruturalistas e pós-colonialidade configura-se como potente ferramenta argumentativa que se contrapõe a uma estabilização do sujeito, encontrando nisso possíveis reverberações que definem o sujeito homem e negro como o “outro”. Por assim dizer, minha hipótese é que as narrativas desses professores extrapolam

caminhos essencialistas. Nesse sentido, quando falamos de si, representamos um recorte daquilo que somos, engendrando a essa narrativa leituras de mundo que não estão isoladas, mas imersas à influências sociais e culturais. Pensando nisso, Butler (2015) argumenta que “não há criação de si fora de um modo de subjetivação e, portanto, não há criação de si fora das normas que orquestram as formas possíveis que o sujeito deve assumir (p. 17).

A produção de dados a partir das entrevistas apresentaram não apenas as perspectivas individuais que esses sujeitos, eventualmente, analisaram de suas próprias práticas. Suas vivências são atravessadas por organizações normativas que os conduzem para a formação de reflexões frente aos seus desafios. Ainda assim, é importante localizar o poder de agenciamento que impactam na construção e formação de suas experiências.

Nesse limite, a linguagem corrobora como um potente fio condutor que interliga as experiências desses relatos com a própria constituição desses sujeitos. Como revela Cesaire (2010), Fanon (2020), hooks (2019, 2022), homens negros foram moldados a partir da desumanização, onde foram impedidos até mesmos de serem considerados humanos. A partir da linguagem da negação, seus corpos foram essencializados e identificados como animais, agressivos e hiperssexualizados. Contudo, no momento em que subvertem essa lógica discursiva e ocupam espaços que não foram desejados para eles, tal como a docência nas séries iniciais, fragmentam naturalizações e respostas prontas.

Para Fanon (2020), as definições de raça nos conduzem para compreender sua dimensão estrutural, onde coloca o homem branco como sinônimo de universalidade e humanidade. Nesse conflito, observa-se a internalização dos próprios sujeitos negros das formas opressivas que lhes são dirigidas. Sendo assim há a formação de uma reprodução, e não produção das políticas racistas, uma vez que eles não pertencem ao grupo onde originaram essas idealizações. Raça e racismo de acordo com Cesaire (2010) foram “erigidos pelos não-negros em uma metacsciência totalizadora, definidora do humano em termos puramente tautológicos, maniqueístas e essencialista, como fruto de uma metavisão hegemônica” (p. 9). Ir de encontro com os sujeitos negros é mergulhar nas diversas formas com que determinados atos de falas atrelados a condutas os tornaram alvos de uma política de morte.

Discursos que colocam as pessoas negras, e mais ainda os homens negros, em posição subalternizadas, de negação e exclusão foram construídas a partir de uma linguagem fundamentada em preceitos racistas e coloniais. Quando aludimos ao “outro” uma importante questão de simetria, podemos cair em uma armadilha de espelhamento distorcido frente ao horizonte normativo branco.

Portanto, essa pesquisa desdobra-se nesse enfrentamento, na escavação por brechas que direcionam para uma não obviedade de como esses indivíduos se organizam na sociedade. Butler (2021) nomeia de *discurso de ódio* essas tensões pré-estabelecidas onde a linguagem precede a emergência do próprio sujeito, impactando nas formas de pensar e agir

na sociedade. Ao lado disso, ela carrega um poder perpassado pelo corpo que machuca, adoce, estabiliza, mas também cria fissuras e agências.

Palavras-chave: Masculinidades negras; Docência; Educação Infantil; Raça.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. **Discurso de ódio**. Uma política do performativo. São Paulo: editora UNESP, 2021.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a negritude**. Carlos Moore (org.). Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: Ebu editora, 2020.

HALL, Stuart. **Que negro é esse na cultura popular negra**. Revista Lugar Comum Revista Lugar Comum Revista Lugar Comum. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 13-14, p. 147-159, 2003.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019, 358p

\_\_\_\_\_. **A gente é da hora: homens negros e masculinidades**. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.